

## Depoimento de Lúcia Severo

Lúcia Severo da Costa

Diretora Administrativa  
da FENEIS

**N**asci no Rio de Janeiro no bairro de Copacabana, Cidade Maravilhosa que amo muito.

Nasci numa família de classe média. Meu pai era o Desembargador Luiz Antonio Severo da Costa e minha mãe Lygia Severo, professora da Cultura Inglesa que ensinava muito bem o idioma inglês. Tenho um irmão Luiz Severo que é advogado, seguindo a carreira do meu pai que começou como advogado e a Marieta Severo minha irmã que é atriz. E, eu, Lúcia Severo. No início não foi identificada a minha surdez de nascença pois, aos oito meses, tive sarampo e no berçário contrai herpes, não sei se esta foi a causa. Não existe nenhum surdo na minha família.

Tive uma criação sólida, não faltou nada, carinho, amor, atenção e respeito. Uma coisa que não posso negar, tive muita dificuldade na COMUNICAÇÃO apesar de ter facilidade de me comunicar mas... por exemplo; num jantar de família, numa roda de mesa com meus familiares em volta sempre havia assuntos que eu mesma não conseguia entender, ficava

muito perdida. Me incomodava muito. Ficava extremamente chateada.

Tive revolta e desânimo, pois pouca coisa me passavam.

Naquela época não podia usar a LIBRAS e foi uma pena porque se usássemos minha comunicação com a família seria um belo presente para mim e não estaria muito perdida e sozinha. A comunicação na vida do surdo é fundamental. Isso o ajudaria a ter uma vida sadia, feliz sabendo se comunicar como o mundo afora. É preciso ter paciência e perseverância.

Aos dois anos e meio comecei a andar e começando a conhecer o que se passava ao redor de mim. No início da aprendizagem escolar, fui ser aluna da Professora Ivete que descobriu meus resíduos auditivos. Não era surdez profunda, pois somente perdi um lado e não os dois lados da audição o que me ajudou a "ouvir" minha própria voz e me estimulou a trabalhar com a voz. É por isso que a minha fala é bem entendida pelos ouvintes. Aprendi muito, também com o Professor

Geraldo que me alfabetizou.

Tempos depois fui estudar no Instituto Santa Teresinha em São Paulo. Foi uma aflição só. A distância era muito, mas era o Instituto mais indicado naquela época para o meu caso e eu com meus sete aninhos, longe dos meus pais foi muito triste e marcante. O Instituto era imenso, fiquei muito assustada. Era também madrugada e todos dormindo quando che-

**"Uma coisa que não posso negar, tive muita dificuldade na COMUNICAÇÃO apesar de ter facilidade de me comunicar mas..."**

guei lá. A freira nos recebeu e minha mãe voltou no mesmo dia, tarde da noite. Meu coração doeu mais ainda por ela voltar sozinha na escuridão da cidade de São Paulo para o Rio de Janeiro. Neste Instituto estudava uma menina chamada Maria do Carmo que era do Rio e foi indicada pela Prof. Ivete para também estudar neste Instituto e foi a primeira surda e amiga que conheci.

Fiquei por três anos neste colégio e tenho boas recordações. As freiras nos tratavam tão bem que não as esqueço. Particularmente confesso que não era muito estudiosa, era muito levada e danada. E na hora dos estudos uma freira nos levava para nos reunirmos todas as tardes para estudar as matérias e, juntas, com outras meninas de outras séries, ficávamos estudando e eu adorava ficar ouvindo a voz da Ana Maria por causa do sotaque paulista que ficava sempre falando o "S" e não me concentrava. Adorava isso. Mas no dia seguinte quando, aos exercícios com as professoras não sabia responder, por não ter estudado, era horrível.

As irmãs me observavam muito, até que um dia fizeram uma experiência comigo, colocando-me numa sala de ouvintes, nesta altura eu tinha oito anos. Era um colégio noviciado da mesma congregação do Calvário. Não me adaptei, pois me sentia muito solitária e como não entendia nada, as irmãs me levaram de volta para a ala dos surdos. Essa experiência foi para testar já que falava. Nada tinha a ver. Elas estavam muito preocupadas por que poderia perder a fala. Mas elas me respeitaram e entenderam a minha dificuldade e a minha convivência com os surdos.

Voltei ao Rio e fui terminar meus estudos com muitas dificuldades no Colégio São Marcelo.

Consgo me integrar bem com

pressão facial e corporal, dependendo do assunto que for colocado ou abordado. É muito simples nós surdos percebermos. Sabemos quando a pessoa está de mau humor, nós a compreendemos, mas quando não está de mau humor, é falta de paciência mesmo. Não é paternalismo que estou colocando aqui e sim vivência com esses dois mundos como todos nós surdos passamos.

Sabemos que não é discriminação dos ouvintes, mas sabemos lidar com os momentos em que nos é exposto a situação que nos gera.

É claro que não é discriminação dos ouvintes, pois preservo até hoje amigos e amigas ouvintes que me compreendem e que são meus amigos sinceros na qual até hoje preservo.

O que gostaria de falar neste momento que seria um belo pre-

alogar comigo. Falam rápido. Às vezes demoram para me passar um assunto que pode ser também do meu interesse. Fico vendo a expressão facial e vejo que tem coisas que precisaria saber. Vivo perguntando, vivo querendo saber. Não é "por querer que seja a minha vontade" (como muitos pais dizem) é o meu direito de saber e participar junto com a família.

Esse depoimento serve para todas as famílias principalmente os pais que têm filhos surdos. É preciso saber amar, ter paciência, aprender a nossa língua.

Fui instrutora nos "anos sessenta" do INES e tive muitas experiências. Tinha mães muito desanimadas com os filhos surdos. Uma mãe muito desanimada com sua filha achando que a filha não seria nada no futuro. Conversei, orientei, e aos poucos ela foi aceitando e dava exemplo de como lidar com a sua filha e que ela mesma dizia que a filha surda não era bicho de sete cabeças. Era preciso muito carinho, amor e compreensão para lidar com a criança surda. Realmente essa mãe foi muito bonita, sua filha hoje é uma jovem surda preparada para o que der e vier no mundo afora. As duas se comunicam muito bem e a mãe se sente feliz e realizada junto com a filha. As duas são amigas e confidentes. É um exemplo que todas as mães deveriam ter.

Particularmente, fiquei muito feliz, pois a minha conversa e a força que dei às outras mães fizeram com que estas começassem a ter interesse na Língua de Sinais. Foi muito importante para a minha realização pessoal e profissional.

Oriento sempre as mães a usarem a língua de sinais com a criança para que ela tenha um domínio maior nas duas línguas. Nunca digo que a criança deve ser

***"Confesso que eu evito conversar para evitar constrangimentos entre dois mundos, bem que adoraria se houvesse uma comunicação boa e liberal."***

os ouvintes, apesar da minha boa leitura labial, somente tenho dificuldade de entender o que falam. Infelizmente a sociedade tem pouca paciência em lidar com os surdos, conversar com os surdos e por fim tudo o que é de comunicação para os surdos.

Eu percebo, eu sinto até no olhar das pessoas. Confesso que eu evito conversar para evitar constrangimentos entre dois mundos, bem que adoraria se houvesse uma comunicação boa e liberal.

A maneira que percebo é a ex-

sente e que seria a mais bela felicidade se nos dessem um presente chamado "COMUNICAÇÃO". Tenho amor, carinho da família o que não me falta mas gostaria que fosse um presentão se minha família se comunicasse melhor e usasse a língua de sinais. Isso seria muito mais fácil para mim. Quando há Natal ou aniversário ou reuniões de família, não fico muito a vontade, pois na maioria das vezes me sinto muito sozinha o que me deprime muito. Infelizmente às vezes, percebo que a família não tem paciência em di-

moralizada primeiro e sim que ela deva seguir as duas línguas para que o seu contato futuro não a deixe sem seu dom de vivência com os dois mundos. Dependendo da força de vontade dos surdos também.

A criança, o jovem e o idoso surdos, ficam sempre orgulhosos quando um ouvinte domina a nossa língua. É um orgulho que traz para todos nós surdos uma graça alcançada através do carinho e paciência.

Não se sintam envergonhados por usar a nossa língua pois é privilégio para nós.

Sei que muitos estranham em dizermos que é um "privilégio". Mas aos poucos vão descobrindo a nossa convivência, a nossa comunicação e a nossa língua será muito importante para todos.

Ganhará de fato a confiança mútua e seu filho será sempre uma criança sadia e sempre comunicando com você como se fosse um dos melhores amigos dele. A família dando total apoio, isso fará que se sinta muito privilegiado na vida.

Adoro quando faço palestra para os pais, contando a minha experiência. Mostro a eles que o desânimo não leva a nada, pois somente a COMUNICAÇÃO já é um presente para todos os surdos. Sempre incentivo muito o elo entre eles, pois é muito importante.

É muito natural que os pais fiquem preocupados com a pessoa surda. É comum me perguntarem o que o surdo adulto é capaz de ser ou fazer na vida. Muito bem simples no dia de hoje, pois hoje a comunicação está no TDD (telefone para os surdos), intérpretes, TV com legenda e chegando nos mercados os faxes que tem sido um sucesso fundamental para nós surdos e aí vai crescendo a tecnologia do mundo para os surdos.

**"Adoro quando faço palestra para os pais (...) Mostro a eles que o desânimo não leva a nada, pois somente a COMUNICAÇÃO já é um presente para todos os surdos."**

Os surdos naquela época sofriam muito por ter que depender dos ouvintes nos telefones. Os pais sempre tinham rapidez na transmissão dos recados e quando sabiam que era um assunto longo, não tinham paciência o que nos deixava muito tristes. Graças a Deus que foi criado o TDD e que até os ouvintes tem acesso e adoram essa nova tecnologia.

Mostro, também, a eles que todos nós somos alguém na vida. Somos professores, advogados, bibliotecários, o que nos é possível sermos na vida.

Casamos, temos filhos. Enfim somos uma parte deste mundo como os ouvintes.

Há uma diferença enorme. "Você é ouvinte e eu sou surda. Você tem a cultura ouvinte e eu a minha cultura surda."

Mostro a eles, que moro sozinha com minhas filhas e que meu apartamento tem campainha normal que acende, telefone que acende que é o TDD e agora fax o que facilitou muito a minha independência.

Vejo que muitos pais não deixam os filhos saírem sozinhos. Realmente hoje em dia está difícil, mas é preciso ensinarem a ser independente. É preciso dar muita segurança ao filho surdo para que ele possa aprender a viver a vida. Dirigimos carro, moramos sozinhos e vivemos o que estiver ao nosso alcance.

Vejo que muitos pais ficam perdendo tempo em pensar numa coisa que não devem: o que é melhor para a criança surda. Não é assim. Agir e correr atrás se preocupando no momento que descobre que a criança é surda. Colocar num colégio e ir pra frente. Não colocar na filha o que é melhor para você e sim o que é melhor para o mundo dela, para a felicidade dela.

Nunca esconder da sociedade que seu filho é surdo, pois é um pecado grave.

Assim você está criando um bicho e não um ser humano.

Aqui deixo uma mensagem aos pais, familiares e amigos que não nos tirem a nossa língua que é a nossa língua mãe. Aprendam a nossa língua para que possamos te compreender e nos integrar formando um mundo mais ameno e feliz.

Sim, há barreiras mas podemos derrubar esses obstáculos e vivermos como pessoas civilizadas.

A língua de sinais é muito importante para nós, o nosso convívio e a riqueza da comunicação.

Não queremos pena, pois isso só piora, não somos doentes. Só o fato de não ouvir não nos fará diferença. O que queremos é uma comunicação e compreensão para sermos reconhecidos como pessoa surda.